

A literatura fora de si: escrita e alteridade em Tununa Mercado

Profa. Doutora Paloma Vidal (Unicamp)

Resumo:

*Exilada durante a ditadura de 1976, a escritora argentina Tununa Mercado morou no México e lá conheceu Pedro, filho de Sonia, uma judia alemã, forçada a fugir de Paris na primavera de 1940 com seu filho pequeno, diante da iminência da invasão nazista. Durante a viagem, Sonia deixa seu filho no caminhão que os transporta em direção ao sul para ir buscar água e mantimentos numa cidade vizinha. Temendo um bombardeio, o caminhão parte, separando mãe e filho. Essa cena, narrada em *En estado de memória* (1990), livro que Mercado escreveu ao retornar do exílio, é retomada em seu livro mais recente, *Yo nunca te prometí la eternidad* (2005), em que Mercado resgata os escritos de Sonia para a partir deles dar materialidade a uma experiência-limite da qual se sente próxima e distante ao mesmo tempo. Interessa-me analisar essa incorporação do outro no próprio texto como condição de possibilidade de uma escrita à beira da dissolução, que se afirma na extrapolação dos limites do literário.*

Palavras-chave: Tununa Mercado, alteridade, trauma, escrita da memória.

O texto a seguir aborda dois livros da escritora argentina Tununa Mercado, *En estado de memoria* e *Yo nunca te prometí la eternidad*. Ou melhor, aborda a passagem de um texto ao outro, já que os dois estão, como veremos, estreitamente ligados. Interessa-me nesses textos observar como Mercado explora as formas de narrar o trauma. Ela lança mão do que chamarei de “recurso do deslocamento” e “recurso do descolamento” para efetuar uma passagem de uma escrita de si para uma escrita do outro, sendo o interessante dessa passagem, no caso de Mercado, que nem a escrita de si se faz sem sair de si, nem a escrita do outro se faz sem um ponto de partida subjetivo. Como veremos, nos seus textos, autobiografia e biografia se juntam para constituir uma escrita da memória.

A escrita de Mercado em *Yo nunca te prometí la eternidad*, seu livro mais recente, de 2005, responde, como se indica várias vezes ao longo do texto, a uma incitação, um mandato, uma convocação do outro: “Escreva-me” (MERCADO, 2005: 56). O livro surge da apropriação de um trauma alheio a partir de uma vivência própria. Desse encontro, emergirão “zonas que estavam escurecidas” (87) tanto para quem escreve como para quem é escrito. Exilada durante a ditadura de 1976, Mercado morou dez anos no México. Lá conheceu Pedro, filho de Sonia, uma judia alemã forçada a fugir de Paris na primavera de 1940 com seu filho pequeno, face à iminência da invasão nazista. O livro se desdobra a partir de uma cena traumática: já na estrada, Sonia deixa Pedro no caminhão que os transportava em direção ao sul para ir buscar água e mantimentos numa cidade vizinha; diante de uma ameaça de bombardeio, o caminhão parte, separando mãe e filho. É esse o “instante que rege esta narrativa” (129), diz Mercado. Partindo dele, vai sendo construído um “arquivo de memória alheia”, que conduz a narrativa em direções inesperadas.

A cena traumática aparece pela primeira vez em *En estado de memoria*, livro que Mercado escreveu sobre seu exílio e o retorno dele, publicado em 1990. Uma série de deslocamentos marca o trecho da narrativa em que a história aparece, intitulado “Visita guiada”. Mercado começa falando de Pedro, referindo-se a ele como “refugiado espanhol, mas de difusa nacionalidade” (MERCADO, 1998: 70) que “grudou” nos exilados argentinos morando no México. Em seguida, narra a cena traumática da fuga de Paris, a separação da mãe e o posterior reencontro, que por mais feliz que

tenha sido, não apagou as seqüelas do trauma. “Talvez ele se unisse a nós”, diz Mercado, “porque a reprodução do vazio era o estado próprio do exílio: carência, compensação da carência; nudez e agasalhamento, mutilação e prótese” (72). E aí ela está falando de Pedro, mas também de sua própria condição de desterrada, condição que a levará, assim como a outros exilados, a visitar freqüentemente a casa de Leon Trotsky, citando Mercado, “o modelo máximo da maior tragédia e do desterro mais dramaticamente interrompido” (Idem). Mercado conta então como eram essas visitas e termina o fragmento falando de uma “distante e imaginária casa ‘paterna’ que, saltando as décadas, transmigrava para me abrigar” (76). Vê-se singularmente nesse trecho o recurso do deslocamento usado por Mercado ao longo de todo o texto como forma de narrar sua própria experiência.

Já no primeiro fragmento de *En estado de memoria*, intitulado “A doença”, identifica-se esse recurso. Mercado narra o encontro com um homem chamado Cindal, que na sala de espera de um consultório psiquiátrico busca ajuda desesperadamente. “Diga a ele que faça alguma coisa por mim, que faça alguma coisa por mim! Estou tendo uma úlcera, estou tendo uma úlcera!” (7). A situação paralisa a secretária, o médico e os outros pacientes, entre os quais está a escritora, que não sabem o que fazer diante dessa dor que irrompe fora da ordem estabelecida. A dor de Cindal vem “obscurecer a vida dos outros e socavar a plenitude à qual todos têm direito” (8), mas ao mesmo tempo ela traça uma “letra fulgurante e vermelha” (Idem), que é uma forma de poder falar de uma experiência compartilhada por muitos exilados, com a qual Mercado se sente identificada e ao mesmo tempo da qual precisa se separar para poder sobreviver.

“Estou escrevendo um livro que sai de *En estado de memoria*, de um resto que retomei e que ganhou uma nova dimensão” (PFEIFFER, 1995: 140), diz Mercado numa entrevista em relação a *Yo nunca te prometí la eternidad*. A cena que *En estado de memoria* era um desdobramento de seu próprio desterro e de seu próprio desamparo aqui, nesse novo livro, será o meio para se descolar de si e narrar a história de Sonia. Lemos na primeira página da narrativa: “Sonia, uma pátina que descolo das paredes de meu recinto, onde entrei para habitar, como quem separa de uma superfície o que permanecia descascado e fragmentário e se propõe a uni-lo numa composição paulatina e de crescimento imprevisível” (MERCADO, 2005: 5). Dá-se, assim, ao invés de um deslocamento, um descolamento, que se manifesta de maneira muito explícita num momento no início do livro, quando Mercado passa a utilizar a primeira pessoa não mais se referindo a si própria, mas a Sonia: “Carrego num ombro todo o peso de uma bagagem improvisada, na minha mão direita livre levo a esquerda de um menino. Ele é Pierrot, meu filho, e tem sete anos” (11).

Tanto em *Yo nunca te prometí la eternidad* como em *En estado de memoria*, trata-se de elaborar uma escrita da memória. A memória que a escrita pretende recuperar não é conciliatória, apaziguadora, compensatória, mas a memória, citando Mercado, “que se sofre por intempestiva, a que nos desvela quando se eclipsa, a que se exerce como um mandato ou se elude por autocompaixão” (MERCADO, 2003: 137). Ela diz isso no texto “Histórias, memórias”, incluído em *Narrar después*, livro de ensaios de 2003. Esse tipo de trabalho com a memória exige da escrita uma busca de novos recursos. Afinal de contas, a recuperação de certas “zonas escurecidas”, como diz Mercado, da memória ao invés da reprodução do que já se cristalizou não está simplesmente dada. Assim, acompanhamos nos textos de Mercado o surgimento de uma escrita em que a alteridade é um mecanismo propulsor, que funciona como abertura do sentido, permitindo sair de si mesmo quando se está narrando algo muito próximo e ao mesmo tempo permitindo que algo da memória alheia se inscreva em si próprio, resgatando-se assim materiais que pareciam destinado ao silêncio.

No artigo mencionado, Mercado narra três momentos em que histórias alheias “fizeram memória nela”. Trata-se nos três casos de histórias de êxodos, que, como ela diz, “estavam em mim e no pano de fundo de minha própria escuridão, entretecendo um manto entre cujas dobras eu também existia” (138). A primeira é a de Eva Alexandra Uchmany, sobrevivente de um campo de

extermínio nazista, que aceita ser entrevistada por Mercado quando fica sabendo que ela é uma exilada argentina. “Ela me contou sua história porque eu estava esperando escutá-la” (Idem). Eva conta então a Mercado como escapou da câmara de gás em Auschwitz graças a uma mulher que a escondeu debaixo de sua camisola. A segunda história é a de Gondi, republicano espanhol, que se refugiou no México quando Franco tomou o poder e se tornou chefe de redação da revista *Tiempo*, onde Mercado trabalhava. Ao decidir fazer uma viagem à Europa em 1979, Mercado o convida a ir com ela, mas ele se recusa, pois sentenciara que nunca voltaria à sua terra natal. Ela decide fazer a viagem por ele e visita a sua cidade, Sama de Langreo, em Astúrias, onde Gondi é conhecido como o filho de Perfecto, fuzilado pelos fascistas. Antes de falecer, Gondi entrega a Mercado a carta que seu pai mandara ao irmão antes do fuzilamento, da qual ela reproduz um fragmento no seu texto. A terceira história é a de Sonia e a de sua separação de Pedro, que confiaria a Mercado os diários de sua mãe depois de ler a cena relatada em *En estado de memoria*. Seguindo os rastros dessa escrita, Mercado conta que começou a escrever um texto que ainda não sabe se será literatura.

Encontrar uma definição de gênero é o que menos importa em *Yo nunca te prometí la eternidad*. O que está realmente em jogo neste texto é a elaboração desse “arquivo da memória alheia”, para a qual o diário de Sonia, que Mercado traduz, é o ponto de partida. Ela retorna a ele várias vezes na narrativa, em busca de informações sobre a viagem que está tentando reconstruir. “Já o escrevi várias vezes, mas preciso reiterá-lo, talvez para me convencer da pertinência de intervir neles: essas notas tinham um tipo especial de incompletude” (243). Uma incompletude que pede ser completada, ela dirá, que exige uma nova escrita para preencher os espaços abertos pelas elipses, os cortes, os resumos, os tracinhos entre uma palavra e outra, como neste trecho: “Sexta-feira. 14 junho. Depois das 6hs monto guarda na Praça Carnot. Compro sandálias e calcinhas – Delegacia – Prefeitura – Gendarmaria – nada – a estação – procuro os banheiros – Jacques e Jean, rua Desnoyers – no café – Delegacia – saem para Bordeaux – Angoulême – mensagem para Ro. Durmo nos Halles Praça Carnot” (41).

No dia 20 de junho, surge a inicial W e novos rastros a seguir. Sonia escreve: “inesperado encontro com W – incrível – ‘o mestre’ – discussões: Shopenhauer, Nietzsche”. A referência a uma discussão filosófica nesse contexto intriga Mercado. Num livro intitulado *Para Walter Benjamin*, com testemunhos, entrevistas e artigos de homenagem ao escritor, ela encontra alguns fac-símiles de mapas nos quais um possível encontro entre ele e Sonia começa a se desenhar. Mercado segue as pistas desse achado. No capítulo seguinte, recolhe os restos dessa outra viagem, que levaria à morte. “WB queria falar” (58), ela escreve. A escritora imagina um breve convívio entre Sonia e ele, travados pelas circunstâncias, acossados por uma Europa que não os quer: “De montanhas em montanhas, da Alemanha até o ponto que os havia reunido depois de anos de exílio na França, a grande massa européia fora perdendo seus objetos, numa operação de esvaziamento: a mesa fora ficando desocupada e eles, os hóspedes, os últimos comensais, estavam literalmente de pé no último contraforte em declive de um altiplano” (59). Nessa situação-limite, WB acaba optando pela morte. Mercado imagina os pensamentos desse homem cuja casa são agora seus papéis, seus escritos, sua obra, que ele carrega numa maleta da qual nunca se separa, usando-a como almofada durante a noite. Ela tenta se aproximar desse momento inimaginável da morte, como se quisesse evitá-la: “Há em meu pesar por essa morte uma absurda vontade de impedi-la”, ela diz, “de romper o não-retorno e levar as coisas de volta a um antes” (94).

O texto todo é movido pelo desejo de recuperar o irrecuperável. A Pedro, filho de Sonia, Mercado solicita fotos e objetos, como se quisesse tornar a história mais palpável e mais próxima. A escritora se torna uma colecionadora de cartas, livros, cadernos. Seu método de trabalho é a disseminação. “A escrita chama a escrita” (202), ela diz, e se refere a “trajetos que se abriam em todas as direções” (256). Surgem vários outros personagens: Jeanne, Omri, Ro, Gertrud, Bertha, Monica. “Progressivamente o universo de Sonia se povoou”, lemos. A escrita é como um tecido infinito, em que se entrecruzam narrativas, imagens, relatos que o fazem aumentar de maneira

insuspeitada: “A constelação se abria quando WB apareceu com suas letras entrelaçadas no manuscrito de Sonia, ampliou-se nas revelações que Ro fez a Pedro e continuara crescendo em remissões múltiplas que começaram a encher as últimas páginas dos livros, aos que por sua vez me remeteram outros nomes e outras circunstâncias” (122). A analogia entre escrever e tecer se torna explícita no final do livro, com a referência à fábrica de tecidos para decoração que Sonia abriu no México, atividade com a qual a própria escritora se familiarizou quando morou nesse país.

Outra analogia marcante é a da escrita com a caixinha “portadora de infinito” que Pedro carrega consigo na fuga de Paris: “O conteúdo era evidentemente uma viagem ou, para dizê-lo melhor, um percurso, duas instâncias que estavam já incorporadas no menino ainda que ele não fosse consciente disso. As narrativas para ele eram não só ‘de viagens’, mas viagens em si” (83). Assim como para o menino, para Mercado a narrativa é uma forma de viajar. Ela conta suas idas e vindas ao México para conversar com Pedro, assim como uma viagem a Port Bou, que duplica a viagem de Walter Benjamin, em busca de alguma pista de sua morte: “O olhar quer isolar alguma coisa, um signo, uma atmosfera do tempo que se deteve nesse lugar, na noite do dia em que WB ainda pensava que chegaria à Espanha” (92). Há igualmente uma viagem a Israel, onde ela se encontra com Omri Lernau, filho de Hanan, único irmão de Sonia, que partiu da Palestina nos anos 20. Sobre essa viagem, ela diz: “Ainda que não tivesse surgido nada desse encontro e eu tivesse retornado só com as vagas lembranças de um homem já desentendido do passado, que nada quisesse ter a ver com a família de seus pais, só o fato de conhecê-lo teria bastado para instaurar novas condições” (147).

Yo nunca te prometí la eternidad se dobra constantemente sobre si próprio, perguntando-se sobre as condições de possibilidade da escrita. Esse é, em última instância, seu fio condutor. Há algumas perguntas que rondam a narrativa: como recuperar uma história que não nos pertence inteiramente? Como escrever a partir da experiência e da memória alheias? O que resultará dessa busca será literatura? Mercado situa sua narrativa “entre a realidade e a invenção” (49). Atravessar as fronteiras de gênero se torna uma necessidade. Entre o diário, a ficção, o ensaio, a biografia, a correspondência, insinua-se a possibilidade de construir uma memória. Passamos a narrativa toda com a sensação de que talvez os caminhos percorridos não levem a lugar nenhum e, num certo sentido, não levam. Tudo o que temos são restos, mas são eles que valem. Eles são a narrativa. A escrita é como um “álbum”, propõe Mercado. “Um álbum tem sempre páginas em branco” (331). Ou ao menos, poderíamos dizer, tem sempre espaços em branco, impossíveis de preencher, como no diário de Sonia. Tudo entra nessa história, mas ao mesmo tempo o todo que nunca se completa. A história de Sonia nunca se fecha. É a história da guerra e da imigração, de um mundo provisório e precário, em última instância irrecuperável. Mas essa impossibilidade é precisamente o que move a escrita de Mercado, entre, como ela diz em *En estado de memoria*, a “epifania do encontro” e o “pesadume da perda” (MERCADO, 1998: 63).

Referências Bibliográficas

MERCADO, Tununa. *Em estado de memoria*. Córdoba: Alción Editora, 1998.

_____. *Narrar después*. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 2003.

_____. *Yo nunca te prometí la eternidad*. Buenos Aires: Planeta, 2005.

PFEIFFER, Erna. *Exiliadas, emigrantes, viajeras. Encuentros con diez escritoras latinoamericanas*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 1995.